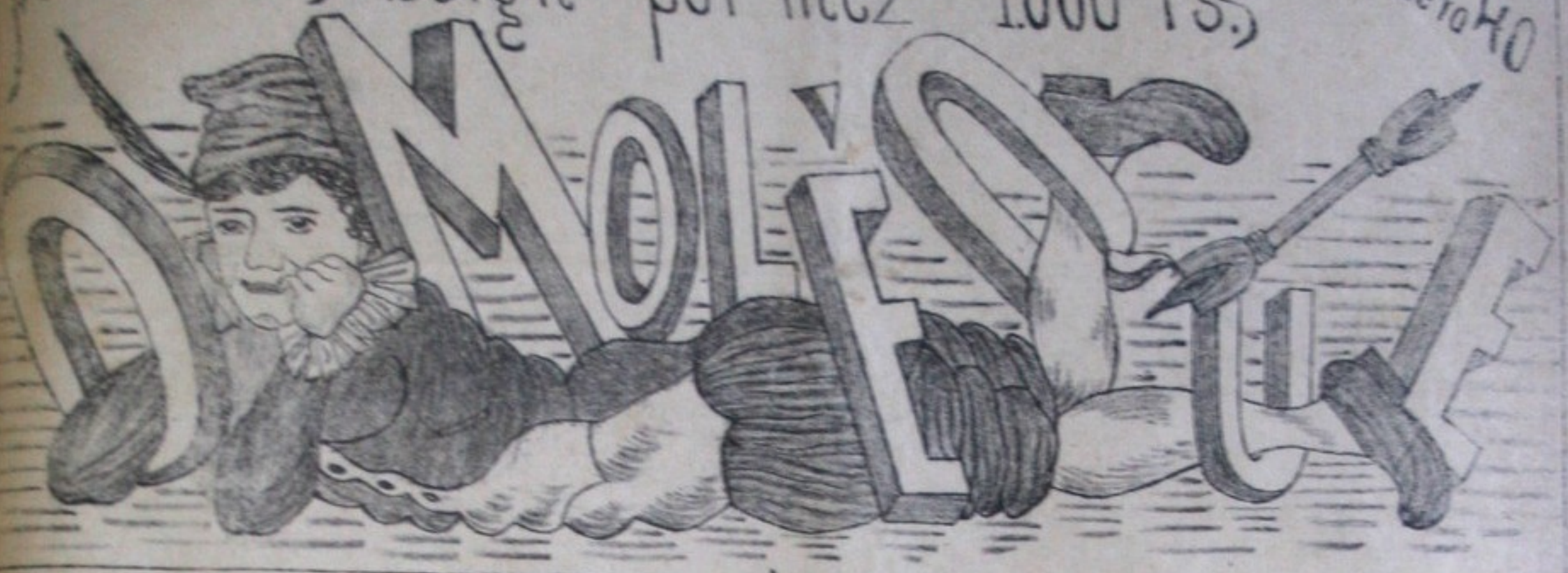


Assign por mez 1000 rs.

Numero 40



Redacção de Cruze Souza Propriedade de uma Associação



Vamos! Srs! Quem mais dá... É um urso um pouco manhoso mas intelligente.
 encontrado nas mattas do Rio-Grande!... Cheguem-se! Cheguem-se! É uma penna excelente
 para os jornais republicanos... como "A VOZ DO POVO!!"

O MOLÈQUE

Desterro, 27 de Setembro de 1885.

Os nòssos collègas

São interessantes os nòssos collègas diários e hebdomadários.

O Avô narcótico—esse que morreu ha dias... de affetacção nos pulmões... monetários—nunca desceu da sua dignidade de fóssil, igual aos que Cuvier encontrou na bahia de Hudson—para permutar com-nosco a sua folhasinha muito patusca e sabida.

Tambem nòs nunca lhe dèmos o gostinho de uma leitura...

Safa! que éra lèr o Despertador e, prompto, ahí estava o Morphêu dos poetas de agua doce...

Despertava mesmo dôr, tantas impossibilidades das suas columnas.

E tinha uma cousa, o bom do avô narcótico, o décano ou o de...cano, não transcrevia nada, agora, nada.

Se alguém diz isso, é pura calúnia.

O Jornal dos fundos da Matriz, nunca soube o que quèr diser transcripção.

Sempre éra um jornal dos fundos.

Na vasta filla dos—ti—nunca elle vio nos Constancios, Auletes ou Roquettes,—essa palavra formidanda, horripilante:

Transcripção.

Jamais!! Jamais!!...

A transcripção para elle, éra um remorso vivo, uma sombra de Macbeth, da tragédia.

Quanto a mim, o unico epitaphio sobre o seu tumulo, deveria ser este:

Transcripção.

E tinha-se dito tudo.

E'ra un rei da tollice o «Despertador» e, portanto:

Leroi est mort, vive le roi!

O Conservador, este...este, igual delicadesinha tem tido para comnosco.

Não deo um ar da sua graça(d'elle) cá ao «Molèque».

Desde o primeiro numero até hoje que o orgão do penacho, tido por partido e a ordem, não nos apparece.

Não sei que ordem; talvez a 3.ª de S. Francisco.

Hade ser; é boa...

Sim snr. senhor Conservador, você até conserva só para si a incivilidade...

Melhor para você....

E' um damnado o Conservador.

Commercio, Matraca e Vòz do Povo.

Esses, pontualissimos.

Muito a tempo, muito a horas.

Pudèra não.....

Os collegas sabem que, sim,...não sei se me entendem.

Ora se...como dizia a defunta Folha Nova, que Deus haja...

Pois colleguinhas pontuaes, nòs tambem somos pontuaes em reconhecer as vossas maneiras amaveis...

Grazzie...

Quanto ao collega da Regeneração, sempre nos recebia amavelmente, cheio de cousas bonitas para nòs, miseros mortaes, durante o tempo que a opposição Paranaguá, deo-nos terreno para alguma veresita menos tal e qual.

Sempre o collega nos atirava com o seu scintillante—interessante—brilhante e tudo que acaba em ante.

Nunca birbante, nem sacripante.

Taes nomes feios o collèga nunca nos disse, louvado seja Deus!...

Lá isso não!

E nòs gostavamos tanto daquelles vocabulosinhos...

Ai! Ai!

Dá até vontade á gente de diser assim, paraphraseando um conceito latino que por ahí anda:

Lembra-te vocábulo que és pó e em pó te has de tornar.

De sorte que agora morreram-nòs áquelles adjectivosinhos da Regeneração.

Não somos mais—scintillante, interessante, brilhante.

Quem dera...

Ah! mas o nosso consolo, é que já fomos tudo isso, olé....

Agora é nos contentarmos p'rahi com um birbante, sacripante e, quem sabe, talvez tratante; as epochas mudam tanto.

Custa muito a soffrer isto, a chorar os elogiosinhos gostosos daquellas éras, d'aquellas éras...

Quem diria, collega?!

Que tristeza para nòs sem os seus... encomios.... (Gostou do encomios, já sei).

Sim, porque a collèga, unicamente por que se fez justiça a alguém que foi ingrato e...mão, muito mão, não nos visiton mais, a collega que era tão dignamente assidua....

A collega estimulou-se irrasoavelmente, sem direito para isso...

Sempre fomos delicados para todos—sem distincção, mettidos na nossa imparcialidade que, se dóe a uns e a outros, é deliciosa e cara para nòs, porque assim temos consciencia que cumprimos um dever:

O da Rectidão e o da Justiça.

Todoaquelle que claudicar, terá *eridendo castigat mores*—do Molèque.

E' a suprema lei cá de casa, o lema dos pelotões dos combatentes...

E' com este estado de luta que se poderá desfaldar na imprensa brasileira, a bandeira branca e fulgurante da liberdade, igualdade e fraternidade!

A Regeneração, portanto, que tome o seu pito e, não nos agradeça...

Nenja por isso.

Pouco nos importa, de resto, o egoismo dos fracos, desses que tremem com as armas na mão, nas grandes funcções do direito...

Zé.K.

NO CAMINHO DA FONTE

A' PEDRO PAIVA

Ella deixára o bando alegre e chilreante das amigas.

E, de cargirão na mão, tomara para a fonte pelo estreito e branco caminho que sae do lado direito da habitação e atravessa o verde e pitoresco declive do terreno, como um risco tremido e claro, ás vezes interrompido pela obesidade tranquilla d'alguma pedra cinzenta ou pelo vigoroso tamanho da gramma.

E então, o José, o filho da Albina, um rapaz robusto e louro como um allemão, uma d'essas almas rudes e atrevidas, mas amantissimas e generosas, vendo-a deixar as outras, foi ataca-la ás escondidas, debaixo d'uma velha figueira que sombreava o caminho, e, tirando-lhe brutalmente o cangirão, com uma breigerice franca e suavissima de namorado, pespegou-lhe um beijo tão forte e tão sensual, que chegou a manchar de rouxo o rosto rosado e fresco da rapariga—deixando-a atrapalhada, na estonteação voluptuosa que produz a cêricia ardente do macho.

Era á tardinha.

O sol esbraseava o poente e arrastava ainda pedaços do seu vastissimo manto de ouro, pelas grimpas atalaiantes da serra.

Rapazes gritadores e sãos, de peito aberto e chapéos de palha, corriam e cambalhotavam pela planura relvosa dos pastos, na expansão venturosa e douda dos seus corações infantis, na irrequietação esplendida e brincalhona dos animaes livres.

E a toáda longinqua e sonorosissima de um lavrador, recolhendo o gado, enchia a tarde azul e silenciosa, d'uma melancolia imtrêsca....

Virgilio Varzea

(Das Miudezas)

Poemas

XVI

A ERMIDA

Lá, onde a calma e a placidez existe,
sobre as collinas qua o vergel encóbre,
aquella ermida como está tão pobre,
aquella ermida como está tão triste.

A minha musa, sem fallar, assiste,
do meio dia ante o aspecto nobre,
o vago, extranho e murmurante dobre
d'aquella ermida que aos trovões resiste
e ás gargalhadas funeraes, sombrias
dos crus invernos e das ventanias,
do temporal desolador e forte.

D'aquella triste e esbranquiçada ermida,
que me recorda, me parece a vida
jogada ás magoas e illusões da sorte.

Cruz e Souza.

A PROMESSA DE MARCOLINA

Ellas cantam, durante o trabalho, dia
e noite. O canto de uma era choroso como
o suspiro das fontes ou os suspiros do mar.
Chamava-se Anna e tinha menos dous an-
nos que Marcolina. Era pallida e nos seus
pensativos olhos negros borbulhava uma
lagrima eterna. Dir-se-hia que em vez de
cortina branca, affagára-lhe o berço ape-
nas a escura aza da morte.

A segunda, a Marcolina, era mais ale-
gre, mais viva e mais criança que a irmã!
Tinha uns olhos verdes, olhos de esperan-
ça e de amor, perennes fontes de sagradas
chimeras e iriantes caricias da mocidade.
A alvura de ambas moldurava-se gracio-
samente sob compridas e ondulantes tran-
ças de cabellos negros. Viviam unidas pe-
lo mesmo pensamento, as mesmas idéas,
as mesmas magoas e as mesmas consola-
ções, como dous lyrios em um só galho,
ou em um só hastil duas orvalhadas açu-
cenas.

Eram orphãs de pae e mãe. Pobres e
virtuosas, acudiam á magra subsistenciã
de sua vida trabalhando na costura sem
descanso e trajando com a perfeição e o
gosto de quem sabe ser formosa, sem ador-
nar-se nem resplandecer como as meni-
nas ricas que se espanejam nos salões da
opulencia.

Marcolina amava Anna com a soffre-
guidão de uma mãe e as santas ternuras
da mais dedicada irmã. Tristeza que som-
bresse a adorada cabeça de Anninha, des-
cia logo sobre o risonho coração da outra,

como as dobras de uma mortalha ou a
pedra de uma sepultura.

A's vezes Anna deixava cahir dos dedos
extaticos a costura começada, olhava pa-
ra o céu azul, onde corria um bando de
andorinhas, e suspirava.

—Que tens, Anninha?

—Nada; saudades...

E de novo a agulha embebia-se veloz na
dobra da seda ou da cassa, emquanto a
vòz da menina não cantava, mas gemia
umas quadras melancolicas:

Tu has de vir n'uma noite
Sem estrellas nem luar,
Vêr meus olhos como fecham
Vêr meu peito agonisar.

E os meus pesados tormentos,
Não poderás consolar,
Se vieres n'uma noite
Sem estrellas nem luar.

—Cala a boca, Anninha! dizia Marco-
lina ternamente reprehensiva. Que has
de estar cantando sempre essas cousas
tristes!

—E o que tem, se eu sou triste por na-
tureza!

—Ao menos para ahí. Não gosto do
resto dessa cantiga!

Mas Anninha sorria com um ar de an-
gelico martyrio, e depois de dar dous
pontos febris na costura, proseguiu:

Como oh pobre! has de soffrer!
Como tu deves chorar!
As nossas almas na terra,
Nunca mais hão de se olhar!

Pois Deus escolheu a noite
Sem estrellas nem luar,
Porque não quer que tu vejas
Minha alma aos anjos voar.

Vivamos emquanto é tempo,
Emquanto eu posso te amar,
Ai! antes que chegue a noite
Sem estrellas nem luar!

O seio de Anninha offegava e uma la-
grima tremia nas doces palpebras abai-
xadas sobre a costura.

Marcolina, seguia lentamente a ondu-
lação e a queda daquella mysteriosa la-
grima.

(Continúa)

RETRATO

E' feio, é quadrumano
O Lucio Conferencia;
E' quasi uma indecencia
O Freitas Herculano.

De craneo microcéphalo
E' mais do que intratavel;
Alguem chama-o bucéphalo
Couceiro, irrefreavel.

'Stá sempre no logar
Onde se encontre milho
Ou gramma p'ra pas tar;
Tem géstos de palhaçó...
Raivoso, è qual novillo
Bravio, preso ao laço.

Alfredo Delorm

Piparotes

Tem havido uma parte de desconside-
ração para nós, na entrega do Relatorio
Paranaguã que já foi distribuido para to-
das as redacções menos para...este seu
criado da Silva Paes Mattoso «Moléque».

Não sei o que se pensa da gente no par-
tido da filiada...

Isto de politica, não tem que ver mes-
mo, é sempre um ai, ai, Jesus, Deus dos
idiotas...

De sorte que um jornal que tem (des-
culpem a immodestia) zurzido todos os pre-
conceitos e basôfias dos Sanchos-panças e
dos typos sarrafaes e zébras velhas, como
diz o Varzea, é atirado para a valla com-
mum do esquecimento como qualquer
Herculano da Voz do Povo?...

Nada, meus caros, o Relatorio ha de nos
vir as mãos, ou todas os da filiada, irão
para o cano de esgosto em que costumá-
mos atirar as lombrigas podres...

E' só dar um geito ao crayon e...sahe
cousa gróssa.

Apromptem-se esses ridiculos histo-
riões, para tomarem na cara chata dos
egoismos, toda a furia candente e escal-
dante como uma saraivada de brasas, da
justissima queixa do «Moléque».

E' andar com este Relatorio depressa,
se não querem os srs. politicos, que os
varramos do salão do criterio para a praia
dos enxurros.

Vamos com isso! Vamos com isso! Que
saia a cousada...

Hoje à noite bailam pela amplidão azul...
da scena os Pylilampos.

Como os ouiros pylilampos só brilham
de noute, é de crer que estes pylilampos
brilhem por sua vez.

Amanhã—Alvaro de Carvalho:—Jenny
—Uma comedia...

Ide ver a gêmma...dos amadôres.
Agora lá porque eu disse gêmma, nin-
guem vá agora petiscar os bons rapases.
Nada disso.

Aquillo è só para olhar e...jogar flôres
no palco.

E' ellas que sejam em turbilhões.

Trac.



Amanhã cairá a palmeira presiden-
cial e os que viviam á sombra d'ella, na po-
lítica liberal



e para maior descalabro, virá a rocha
esmagar essa política.



A respeito á Relatorio Paranaguá:
Por um óculo!



Resolvemos armar uma ratoeira p^a apanhar a
geração que escapuliu-se da permuta cá com
nossa m^{te} amável, querida e sympathica pessoa.